



**SOB OS BRAÇOS E AS LIRAS DE EROS: UMA ANÁLISE DA POÉTICA DE
GILKA MACHADO À LUZ DA CRÍTICA LITERÁRIA**

**UNDER THE ARMS AND LIPS OF EROS: AN ANALYSIS OF GILKA
MACHADO POETICS IN THE LIGHT OF LITERARY CRITICISM**

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva¹

Recebido em: 22 nov. 2018

Aceito em: 02 mar. 2019

DOI 10.26512/aguaviva.v4i1.23846

RESUMO: Este artigo objetiva traçar à luz da fortuna crítica literária uma breve análise de aspectos da poética, de Gilka Machado, a partir de uma revisão crítica acerca das características literárias da estética poética giliana, que é marcada por discursos e contextos de produção numa época em que as vozes femininas eram silenciadas e marcadas pela violência simbólica ao corpo, pensamento e comportamentos das mulheres numa sociedade conservadora e fechada para os direitos das mulheres.

Palavras-chave: Poesia Erótica; Transcendentalidade Existencial; Gilka Machado.

ABSTRACT: This article aims to draw from the critical literary fortune a brief analysis of aspects of poetry, by Gilka Machado, based on a critical review of the literary characteristics of Gilkian poetic aesthetics, which is marked by discourses and contexts of production at a time when female voices were silenced and marked by symbolic violence to the body, thought and behavior of women in a conservative, closed society for women's rights.

Keywords: Erotic Poetry; Existential Transcendentality; *Gilka Machado*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As mulheres que gozam hoje de plena liberdade literária para cantar as expansões do instinto e as propriedades eróticas do

¹ Mestre Interdisciplinar em História e Letras pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Professor Efetivo da SEDUC/CE. E-mail: geimesraulino@yahoo.com.br



corpo deviam ser gratas a essa antecessora,
viúva pobre que ganhava a vida com esforço
e gostava de estar ‘toda nua, completamente
exposta à volúpia do vento.
Carlos Drummond²

Partindo da *epígrafe* supracitada, de Carlos Drummond, convencemo-nos que a poética giliana traz consigo um grandioso itinerário da literatura brasileira, sendo ela, Gilka Machado, considerada uma poeta incluída na estética simbolista e com traços de sua poesia também no modernismo, foi contemplada com o título de maior poetisa do Brasil.

Ao fazer a leitura da pesquisa de Pinheiro (2015) *O Erotismo Metafísico na Poesia de Gilka Machado* trouxe à baila uma série de argumentos e análises acerca da poesia erótica e, sobretudo, à transcendência de vanguarda na linguagem lírica presentes nos poemas gilianos, logo esse ensaio foi motivado por este olhar transcendente, lírico e erótico que a poesia de Gilka Machado nos faz sentir e transcender³.

Percebe-se isso em um dos poemas lidos por Pinheiro em sala⁴: “Toma-me todo corpo um langor insensato, fecho os olhos e sinto a alma carícia tua...”. Pinheiro (2015) diz que a obra desta poeta pode nos possibilitar inúmeras leituras no que se refere, em especial, ao eu poético [lírico]. Nesta pesquisa, Pinheiro (2015) evidencia que

Encontramos, para nossa surpresa, uma poesia que podia nos dar outra concepção do tempo, do amor, dos sonhos, da alma, do desejo. Havia aspectos interessantes que poderiam ser investigados: vanguardismo e singularidade temática; formas poéticas e linguagem imagística; valorização do inconsciente e dos elementos da natureza; aspectos ideológicos, políticos e sociais; questões de gênero, de autoria feminina; o erótico, o transcendente e ainda outras coisas que outros olhares poderiam naturalmente perceber [...] (PINHEIRO, 2015, p. 11).

² Em entrevista Drummond diz que: “Gilka foi a primeira mulher nua da poesia brasileira”, relata ele em sua coluna do dia 18 de dezembro de 1980, no *Jornal do Brasil*, dedicada à memória da poeta, que havia morrido naquela semana. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/pioneira-da-poesia-erotica-gilka-machado-tem-obra-relancada-por-jovem-20985765#ixzz4hcpEwOwY>> Acesso em: 20 jan. 2018.

³ A crítica literária atual, considera que em Gilka Machado, “o caráter subversivo de sua poética tornou-se um ato de transgressão ante o contexto histórico e literário em que escreveu: o início do século XX” (SILVA; RESENDE, 2018, p. 46).

⁴ Nota de aula (Disciplina Tópicos III, Mhil/UECE, 2017), em um encontro o qual a pesquisadora apresentou sua pesquisa em Gilka Machado.



Observa-se com nitidez que os objetivos de pesquisa de Pinheiro (2015) excedem os já estudados anteriormente, demarcando outros aspectos literários e historiográficos ainda não apontados por outros estudos, citemos a exemplo, a pesquisa de Nunes (2007) que considera que a poesia de Gilka Machado possui fortes marcas simbolistas e um forte reflexo do social no literário.

Isto significa que até, então, em outras pesquisas há uma representação da condição feminina da época e muitas outras obras que, mesmo não tendo cunho declaradamente social, porém que se constroem de forma a nos permitir entrever evidências de uma determinada condição humana, social, existencial, temos na poética giliana um sujeito lírico que aponta seus olhares para a denúncia de valores tidos como decadentes, alienantes e restritivos.

Por outro lado, temos também a complexidade das construções sinestésicas na poética giliana, vislumbrando arquitetura lírica sem ressaltar diretamente seu vanguardismo e sua metafísica de transcendentalidade existencial tão bem esclarecidos na investigação literária de Pinheiro (2015).

Na leitura literária feita por Dias (2013) temos uma Gilka Machado,

cujos versos foram torcida e retorcidamente lidos, é um nome a mais na lista dos incompreendidos, justamente ela de quem lemos no poema *Aspiração*, do livro *Estados de Alma*, que quisera viver cantando com as aves em vez de fazer versos sem poderem assim os humanos perversos interpretar perfidamente meu cantar. Tendo estreado ruidosamente em 1915, aos seus vinte e dois anos, com os seus Cristais Partidos, chocou o público com sua lira erótico-amorosa (DIAS, 2013. p. 2, *paginação eletrônica*).

Esse pesquisador revela historiograficamente que na época que Gilka publicou seu primeiro livro, duas mulheres já tinham alcançado evidência no mundo das letras brasileiras: Francisca Júlia (1871-1920) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), ambas não despontam, todavia, como Gilka Machado, porque a poética dela possui um *Eu feminino* que se confessa e se revela profundamente.

A poesia giliana configura-se, dessa forma, mais do que erótica e sim transcendental (PINHEIRO, 2015), ou seja, em Gilka Machado temos um “pioneirismo na abertura de espaços contra o paradigma masculino dominante” (SOARES, 1999, p. 93).



Na perspectiva de Gonçalves (2010) a poética de Gilka Machado relaciona-se a

[...] literatura moderna de expressão portuguesa, a um sistema que, além de considerar e respeitar a tradição pela forma, inovou pelo tratamento estilístico e pelas ideias que se manifestam no conteúdo de seus poemas. Ao dialogarem com a poesia canônica, preferiram não destruí-la (uso constante de sonetos), mas procuraram transformá-la pela audácia de uma escrita feminina que se vê condicionada e denuncia o condicionamento patriarcal que sofrem (GONÇALVES, 2010, p. 5).

Para esta pesquisadora, a escrita e a poesia de Gilka Machado contribui sobremaneira para a identificação com o desejo pela liberdade de expressão artística, cultural e humana, evidenciando que a mulher do século XX almeja pela liberdade das amarras que secularmente foram estabelecidas pelo pensamento e comando patriarcal que a emparedam, tanto na esfera sexual quanto na sociocultural (GONÇALVES, 2010).

Neste texto, procuramos desvendar o quão a estética poética giliana é marcada por discursos e contextos de produção que mais parecem querer nos mostrar “o além da repressão do superego e da repressão externa imposta pelas várias instituições sociais, onde a mulher sofre a carga repressiva de que as leis”, costumes, literaturas sempre foram feitas pelos homens (SOARES, 1999, p. 97).

Algumas reflexões literárias acerca da poética giliana

Por detrás dos olhos de uma poética erótica e transcendental

Embora dos teus lábios afastada, (Que importa?
– Tua boca está vazia...), Beija esses beijos com que fui
beijada, Beijo teus beijos, numa nova orgia.

Em *A dupla chama – amor e erotismo*, Octavio Paz acentua que “a poesia por fazer parte de uma realidade sensível [...] nos faz tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio cobrindo uma paisagem devastada pela insônia”. Nesse sentido, esse teórico explica que “os sentidos são e não são deste mundo”, porque “a poesia ergue uma ponte entre o *ver* e o *crer*, conseqüentemente é por esta ponte que a imaginação ganha corpo e os corpos se convertem em imagens” (PAZ, 1994, p. 11-12).

Nesse sentido, esse autor evoca que com sua genuína veia literária que o erotismo concretiza-se como uma poética corporal, à medida que a poesia estabelece uma erótica



verbal, ou seja, os corpos germinam em repleta poesia e a palavra transfigura-se na cópula das imagens e sentidos de cada palavra e sensação que são produzidas. Além do mais, segundo Moraes (2015)

Não há erotismo sem fantasia, assim como não há literatura sem ficção. O princípio ativo da vida erótica coincide, portanto, com o da criação literária, uma vez que ambos se movem ao sabor de desejos que jamais se esgotam em si mesmos e sempre ensejam um mais-além no horizonte. Por isso mesmo, por serem domínios animados pela força motriz da imaginação, o pacto entre Eros e as letras se realiza invariavelmente sob o signo do excesso (MORAES, 2015, p. 20).

Em outras palavras, Moraes (2015) aduz que como característica particular do texto erótico, é preciso entender o elemento na composição formal do texto por sua capacidade de “multiplicar as imagens do desejo, tal qual um espelho que transforma, deforma e sobretudo amplia tudo o que nele se reflete” (MORAES, 2015). Até por que a poesia trabalha como um “testemunho dos sentidos”, porque “suas imagens são palpáveis, visíveis e audíveis” (PAZ, 1994, p. 11), o *locus* poético labora como um ambiente imagético, e, como tal, ele consente ao leitor vivenciar e sentir as sensações do texto erótico e se se perceber nele, quiçá nos anseios que não possa experimentar de outra maneira, a não ser por essa análise (SILVA; RESENDE, 2018).

Ressaltemos que a estética literária de Gilka, *Cristais Partidos*, sendo seu primeiro volume de poesias publicadas em 1915, configura uma “clara influência penumbriata [...]” (NUNES, 2007, p. 36), atestando também sua dívida com o movimento Simbolista.

Dessa forma a poetisa carioca absorveu muito das características desta escrita simbolista, sendo presente na caracterização desses poemas um forte “intimismos, temas relacionados ao cotidiano, sentimentos melancólicos, gosto pela penumbra e o crepúsculo, evocação, sugestão, mistérios, tudo composto em versos cujo ritmo em liberação e cujo meio-tom musical se opunha à eloquência parnasiana em moda [...]” (MACHADO, 1991, p. 41).

Literariamente, a luz é outra imagem bastante recorrente da lírica giliana, não apenas ao que a visão possa alcançar, mas tudo que a sensação de luz provoca no sujeito lírico, tudo o que aparece “por trás dos olhos”, construções ricas em abstrações. A poesia a seguir, *Luz*, está presente em *Cristais Partidos* (1915):

Luz – concepção primeira e cósmica da Treva!



por esse teu fulgor lançares, dispenderes,
a beleza da Forma o olhar atraí e enleva,
goza a vista os da Cor emotivos prazeres.

Por ti flutua no ar dos perfumes a leva,
és o verbo de Deus, o poder dos poderes,
o alimento vital que as coisas todas ceva,
o calor que impulsiona a máquina dos seres.

És o sêmen do Sol, que a Mãe-Terra fecunda,
que na treva germina e várias formas toma,
de cuja produção a humanidade é oriunda.

Possa eu sempre te ver por tudo distribuída,
luz que és som, luz que és cor, que és sangue, força e aroma
que és idéia a medrar no cérebro da vida.

A “luz”, aqui, não é demonstrada apenas ao que o sentido da visão alcança. Nessa poesia temos uma construção metafórica da construção da percepção da luz, como a concepção de algo que é anterior a ela: a Treva, pois, para revelar a treva pressupõe que ela já exista. Adentra-se mesmo o campo filosófico-religioso: é o “verbo de Deus”, um Deus onipotente expresso a seguir em “o poder dos poderes”.

Nota-se que a metafísica é uma constante dentro da poesia da autora. Há uma metáfora da luz antes mesmo de ser luz, como “concepção primeira e cósmica da Treva!”, onde “Treva” é escrita com inicial maiúscula evidenciando uma forma de fazer a palavra, literalmente, ampliar de tamanho, e junto com ela a sua presença e, por conseguinte, o seu sentido; luz como reveladora da “beleza da Forma”, a qual também o vocábulo “Forma” é escrito com inicial maiúscula.

Ademais, o que neste aspecto se amplia é a apreensão dessa forma que, da mesma forma que salta aos olhos dentro do poema, quase no meio do verso, esse recurso nos faz saltar à nossa percepção: o sentido da forma que estava obscura e que é revelada, que salta aos olhos e nos atraí, quando nela se deitou a luz, observa-se uma ênfase que alude à revelação que da forma se realizou e que “o olhar atraí e enleva” para o gozo, o deleite da vista.

Em *Ânsia de Azul*, dedicado à Francisca Júlia da Silva, do volume *Cristais Partidos* (1915):

Manhãs azuis, manhãs cheias do pólen de ouro
que das asas o sol levemente sacode,
quem dera que, numa ode,



como numa redoma,
eu pudesse conter o intangível tesouro
da vossa luz, da vossa cor, do vosso aroma.

Manhãs azuis, manhãs em que as aves, em bando,
entoam pelo espaço o hino da liberdade,
que anseio formidando,
que sede de infinito o cérebro me invade!
Esta luz, esta cor, este perfume brando
que se evola de tudo
e que, de quando em quando,
o vento – acólito mudo,
passa, turbulando;
esta mística fala,

[...]

Manhãs suaves, serenas,
manhãs tão mansas, tão macias
que pareceis feitas de penas
e melodias.

[...]

a alma das coisas sobe e flutua pelo ar.

Eu, como as coisas, sinto indefinidas ânsias,
a atração do ignorado,
a atração das distâncias,
a atração desse azul,
ao qual meu pobre ser quisera transportado
ver-se, da Terra êxul.

E que gozo sentir-me em plena liberdade,
longe do jugo atroz dos homens e da ronda
da velha Sociedade
- messalina hedionda
que, da vida no eterno carnaval,
se exhibe fantasiada de vestal!

[...]

Ó mágicas manhãs,
vós me trazeis ao cérebro ânsias vãs!
O fulgor que de vós se precipita
perturba minha vida de eremita,
açora-me os sentidos

[...]

o meu ser manifesta
desejos de cantar, de vibrar, de gozar!...



Esta alma que carrego amarrada, tolhida,
 num corpo exausto e abjeto,
 há tanto acostumado a pertencer à vida
 como um traste qualquer, como um simples objeto,
 sem gozo, sem conforto,
 e indiferente como um corpo morto;
 esta alma, acostumada a caminhar de rastos,
 quando fito estes céus, estes campos tão vastos,
 aos meus olhos acende e deslumbrada avança,
 tentando abandonar os meus membros já gastos,
 a saltar, a saltar, qual uma alma de criança.
 E analisando então meus movimentos
 indecisos e lentos,
 de humanizada lesma,
 toma-me a sensação de fugir de mim mesma,
 [...]
 De que vale viver
 trazendo, assim, emparedado o ser?
 Pensar e, de contínuo, aguilhoar as idéias,
 dos preceitos sociais nas torpes ferropéias;
 ter ímpetos de voar,
 porém permanecer no ergástulo do lar
 sem a libertação que o organismo requer;
 ficar na inércia atroz que o ideal tolhe e quebranta...

 Ai! antes pedra ser, inseto, verme ou planta,
 do que existir trazendo a forma de mulher.

Aves!
 Quem me dera ter asas,
 para cima pairar das coisas rasas,
 das podridões terrenas,
 e sair, como vós, ruflando no ar as penas,
 e saciar-me de espaço, e saciar-me de luz,
 nestas manhãs tão suaves, nestas manhãs azuis, liricamente
 azuis!...

Em “Ânsia de azul” temos uma afluência de grande parte dos elementos localizados na poesia giliana: aliteração, rimas, transcendentalidade, sublimação, misticismo, metáforas, crítica social, erotismo, imagens recorrentes de perfumes, aromas, cores, evocação, e, claro, os jogos sinestésicos. Aqui as manhãs são apresentadas de forma metaforizada “manhãs azuis” onde o despontar do dia é tomado pela cor do céu, tornando-



se assim, também azul. As manhãs azuis sinalizam dia de sol aberto expondo o vasto azul do céu diferentemente do que seria um dia nublado.

Este mesmo sol nos excertos acima é o sol é exposto de forma metaforizada e personificada “manhãs cheias do pólen de ouro / que das asas o sol levemente sacode”: ele ganha asas, como se os raios de sol fossem asas onde o pólen aparece não como parte das flores, mas como sacudidas das asas do sol e o efeito de aproximação que se obtém ao ser comparado com ouro; a voz lírica manifesta a vontade de poder conter o intangível da luz, cor e aroma do sol: se deseja conter coisas abstratas, uma porção da beleza da natureza para si.

As primeiras imagens sinestésicas aparecem em “que sede de infinito o cérebro me invade!”, aqui, a palavra há o transplante do sentido da palavra sede, que manifesta uma necessidade orgânica, para um efeito equivalente ao da palavra ânsia ou vontade, provocado pelo voo e canto das aves, esse último, subjetivo na palavra “entoam” interpretado pelo eu – lírico como “hino da liberdade”.

A partir das interpretações dos elementos simbolistas e modernistas presentes nos poemas acima, acreditamos que a poesia de Gilka, Gotlib (s/p) revela que “[...] se pode perceber a partir dos títulos de seus livros, sua poesia se detém nas experiências de uma intimidade sensível, que manifesta, explicitamente, suas sensações, emoções e desejos eróticos”.

Nesse sentido, Queiroz (2004), em sua análise nos faz lembrar que a poesia giliana realiza uma: “[...] constante referência a *vôo*, à asa, aos pássaros” oferecendo, assim, à crítica feminista “amplo material para uma oportuna referência à necessidade de evasão, de liberdade, em contraponto à condição feminina de então.

Ramos (1965, p. 209) esclarece que “nem sua ousadia tinha impureza, mas punha à mostra a riqueza de seus sentidos, especialmente de um pouco explorado em poesia, o tato. Sua sensibilidade requintada, algo excêntrica, mas profundamente feminina”. Seguindo essa perspectiva, Pinheiro (2012, p. 26) em *A poesia de Gilka Machado: a volúpia dos sentidos* analisa que a poesia giliana é moldada “em primeira pessoa, com formas variadas, contendo acentos cromáticos e metafóricos”. Pinheiro (2012) quanto a estética da poesia giliana afirma que os poemas apresentam

[...] as marcas da poética simbolista no uso continuado de aliterações, “fiam finos fluidos frios”; nos vocábulos sugestivos de atmosfera etérea, como noite, mar, luar, vento, névoa; na musicalidade, nas



abundante reticências, nas inversões frasais “de onde veio a voz o ouvido sonda,/ e, em vão, busca entender do naufrago os apelos” (MACHADO, 1947, p. 22). Nuances estilísticas literárias que acendem a poética de Gilka. Por outro lado, a temática ousada e o desejo de romper com a ordem estabelecida, nos permitem visualizar acentos modernistas, principalmente, no que diz respeito à representação do corpo e do desejo (PINHEIRO, 2012, p. 26).

Fica claro que a poética giliana revela que o amor congrega, muitas vezes, o espírito dionisíaco em que se descreve o perfume do sentimento pecaminoso, declarando poeticamente a sua alma em efervescência “a alma em fogo” (MACHADO, 1991, p. 271). Outras vezes, aparece a transcendência espiritual, individualizando intensamente o aspecto da estética simbolista, “tu a mim vens descendo, eu a ti vou subindo, como o mar sobe ao céu, como o céu desce ao mar” (MACHADO, 1991, p. 179).

Nesse e em outros poemas analisados de Gilka, tem-se a dimensão da técnica discursiva do qual a poesia de Gilka avulta a reprodução ora de palavras, como olhos, voz, silêncio, verde, mar, ora de frases, percorrem fragrâncias sonambulando, olhos dos campos, galhofeiramente se transportando de processos anafóricos. O signo se ausenta e volta. A repetição do *verbum* comporta sua intimidade, separando qualquer noção de escuridão. A multiplicação de alguns termos vem como uma espécie de esforço para a imagem inventada no discurso.

Além do que Soares (2010) ressalta, portanto, que “as imagens gilianas, ao unirem "alma e corpo" e ao registrarem a derrota da razão pela emoção”, nos remetem, mais uma vez, para as lições de Georges Bataille (1980): a conexão erótica, que não pode ser confundida com a busca animal da reprodução, é uma experiência do espírito, provocada pela matéria humana, pela carne, através de libertação dos órgãos pletóricos. Coelho (2002) nos faz lembrar com veemência que a poética giliana se envereda:

[...] Desafiando os preconceitos, Gilka Machado ousa expressar, em poesia, a paixão dos sentidos, a volúpia do amor carnal e o dramático choque entre o corpo e a alma. Choque provocado pelo Cristianismo, ao lançar o anátema ao prazer sexual, a fruição da carne [...] Gilka Machado obviamente chocou a sociedade do tempo com seu ousado desvendar de paixões ou sensações proibidas à mulher (COELHO, 2002, p. 228).

Por fim, a construção poética dessa imagem metafórica em “Luz” que é não só como efeito perceptível, mas luz como revelação da beleza, luz pelo discurso religioso,



luz como ação, ato consumado a partir da palavra proferida. A luz é figurativamente colocada aqui nesse poema como efeito da palavra e da libertação transcendental do ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia giliana é eminentemente erótica e, por conseguinte, eminentemente, transgressora, uma verdadeira poética da transgressão. (GELADO, 2006).

Não resta dúvida, que o lugar de Gilka Machado, na produção da autoria feminina é caracterizada, sobretudo historicamente, por ter sido ela quem, numa época em que a literatura feminina era mero “sorriso da sociedade”, ousou demonstrar em sua lira erótico-amorosa uma sinceridade rude e uma forma de dizer abertamente as coisas mais íntimas que sentia e fazia questão de exprimir em seus versos.

Entendemos, a partir desta pesquisa, a necessidade de se fazer cada vez mais outras leituras da obra de Gilka Machado e de sua poesia de uma forma geral, para, valendo lembrar, o leitor que comungue do pacto inerente que sempre precede leitor/obra, poderá se valer do sentimento de totalidade de que nos fala - onde cada palavra desencadeia várias imagens - acústicas ou não - e nelas se processa nossa razão, essência, liberdade, sensações etc.

É preciso notar que no corpo e do corpo se constroem as relações de poder expostas na forma própria de cada agrupamento humano, sociedade. Esta construção poética vem para saciar nossa sede de formas: formas do mundo, de pessoas, de vida, de morte. Com a premissa inexorável a que sempre se deteve a arte poética: a reconstrução, imaginação e língua(gem) literária da criação estética.

Concluimos, portanto, esse ensaio literário, reforçando que na visão de Queiroz, também pesquisadora da obra giliana, a ideia de que “há muitas e boas razões para que sua obra seja divulgada, lida e avaliada no que ela representa de força lírica, inovação temática e percepção do universo erótico feminino”. Logo, Queiroz arremata que a obra de Gilka Machado “já se inscreve em movimento contraditório, que faz desejar ao menos um olhar mais ativo da crítica literária contemporânea sobre ela”.

**REFERÊNCIAS**

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 2 ed. Tradução de João Bernardo da Costa. Lisboa, Moraes, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras, 2002.

DIAS, Júlio Cesar Tavares. Aos caprichos do amor – poesia e erotismo de Gilka Machado. In: **Nau Literária**, v. 09, n. 01, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/41957/27600>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

GELADO, Viviana. **Poéticas da Transgressão**. Vanguarda e Cultura Popular nos anos 20 na América Latina. Rio de Janeiro: 7Letras; São Carlos, SP: EdUFSCAR, 2006.

GOTLIB, Nadia Battela. **Gilka Machado (1893 - 1980)**. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/78>> Acesso em: 19 jan. 2018.

GONÇALVES, Rosana. Florbela Espanca e Gilka Machado: liliths da modernidade. In: **FrenteiraZ: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, p. 1-12, n 5. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/frenteiraz/article/view/12290/8898>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

MACHADO, Gilka. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Léo Christiano, FUNARJ, 1991, p. 82.

MORAES, Eliane Robert. **Antologia da poesia erótica brasileira**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

NUNES, Fernanda Cardoso. **Nos domínios de Eros: o simbolismo singular de Gilka Machado**. Fortaleza, 2007.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PINHEIRO, Maria do Socorro. A poesia de Gilka Machado: a volúpia dos sentidos. In: **Interfaces**. Guarapuava, vol. 3 n. 1, p. 23-30, (jul. 2012).

PINHEIRO, Maria do Socorro. **O Erotismo Metafísico na Poesia de Gilka Machado**. 2015. 152f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade), Universidade Estadual da Paraíba, Centro de educação, 2015.

QUEIROZ, Vera. **Pactos do Viver e do Escrever – o feminino na literatura brasileira**. Fortaleza: 7 Sóis Editora, 2004.



RAMOS, Péricles Eugenio Silva. **Poesia Simbolista** – Antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SILVA, Lídia Maria de Oliveira; RESENDE, Maria Ângela de Araújo. Corpo, voz e sonho em Gilka Machado e Iara Rennó: aspectos benjaminianos do discurso erótico. In: **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 43-54, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2631/2427>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

SOARES, Angélica. **A Paixão Emancipatória**: vozes femininas de liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

SOARES, Angélica. O erotismo poético de Gilka Machado: um marco na liberação da mulher. In: **Revista Mulheres e Literatura** – vol. 4, 2000.